

José Santana



Felinto José Santana, 93 anos, levou dois netos (Joseildo e Paulo) para acompanhá-lo na longa noite de espera para conseguir uma cirurgia de catarata

AVIÃO-HOSPITAL

Noite insone à espera dos estrangeiros

Mas nem tudo foi só reclamação na fila dos desesperados. Houve felizardos. Gente que venceu o frio, a fome, a falta de banheiro público (isso foi uma verdadeira peripécia) e superou os próprios limites de paciência e resignação. Felinto José de Santana, de 93 anos, contou com ajuda da família para ser conseguir vencer a espera e a fila. Na noite de segunda-feira, seus dois netos, Joseildo, de 22 anos, e Paulo, 23, chegaram ao Clube Cit às 19h.

Dormiram dentro de um Fiat 147. O esforço foi recompensado. Felinto foi atendido às 9h. Consultou e será encaminhado ao Hospital das Forças Armadas (HFA) onde se submeterá a uma cirurgia de catarata.

De voz cansada, passos lentos e amparado pelos dois netos, o evangélico Felinto agradeceu a Deus. "Só assim mesmo", diz, baixinho. Era como se um milagre tivesse acontecido. "Se não fosse assim, como meu avô iria conseguir ser atendido", indaga o neto Joseildo.

Veio gente de longe. Gente que enfrentou 400 quilômetros de estrada por uma consulta. Para muitos, era a última tentativa de conseguir falar com "um médico de verdade". A dona-de-casa Helena Fernandes Souza, de 57 anos, saiu de Ivôândia (GO) num ônibus com mais 40 pessoas.

Helena reclama de dores na cabeça e dormência nas mãos. A co-

mitiva chegou a Taguatinga na tarde de segunda-feira. Dormiu na porta do Cit, dentro de um ônibus. Valeu o esforço. "Hoje de manhãzinha a médica me atendeu. Me deu até uns remedinhos", comemora. Noite mal dormida? "Que nada. O frio apertou um pouquinho, mas a gente trouxe coberta."

LUCRO NA FILA

E houve também quem não veio fazer consulta nenhuma. Mas garantiu o trocado do dia. O vendedor de quentinha Daniel Nascimento, de 18 anos, fez a festa. Em menos de meia hora, suas 25 marmitex desapareceram. Sarapatel, carne de porco e frango. Cada uma por R\$ 3. "Mas hoje fiz por R\$ 2,50", entrega.

A vendedora de cafezinho Maria Aparecida Salet Santos, de 40 anos, também agradeceu ao frio e à fila do Cit. Mas agradeceu, sobretudo, por ter saúde. "Ih, meu filho, ainda bem que não preciso tá nessa fila. Deus me ampara." Em seguida, como se previsse o destino dos menos privilegiados — numa clara referência a ela mesma —, sentença: "Pobre não tem o direito de adoecer." Um homem na fila, que escutava a conversa, interveio: "Pobre só tem o direito de nascer e morrer".

As cinco garrafas de café que Maria Aparecida trouxe de sua casa em Samambaia não deu nem para

o começo. Naquele frio da manhã de ontem, o líquido valia ouro. Cada copinho foi vendido por R\$ 0,20. Mas o coração da vendedora foi generoso: "Quem eu vi que não tinha condição de pagar, eu dei de graça".

ESPERANÇA

E a fila não parava de crescer. A cada momento, pessoas chegavam ao Cit. Uns viam o tumulto e queriam saber do que se tratava. Quando ouviam que eram médicos que atenderiam de graça logo se enfileiravam. Aí, começavam as reclamações. A dor de um era compartilhada por todos.

Resignadas — vendo o tamanho da fila — algumas pessoas prometeram voltar hoje. "Eu tô com encaminhamento de uma cirurgia de varizes desde 1996. Nunca consegui fazer. Quem sabe aqui o médico me ajuda", apostava Maria Aparecida Gonçalves, de 42 anos, que saiu do Gama para ir a Taguatinga.

O vento insistia em soprar forte. No estacionamento do Cit não havia como se esconder dele. O aposentado Manoel José de Oliveira, de 72 anos, contorcia-se. Gemia por causa de um reumatismo que o atormenta há quase duas décadas. "Eu vou conseguir falar com um médico", determinou. À sua frente, havia pelo menos mil pessoas. "Aprenda uma coisa: a fé faz tudo", ensina ele. (Marcelo Abreu)